

Passageiros da Tempestade: os fascismos e o tempo presente

Diego Leonardo Santana Silva¹

A historiografia sobre os fascismos se tornou uma das áreas que mais demandaram produções nos últimos anos devido a ascensão de políticos e organizações de extrema-direita e ultradireita. Seja nos Estados Unidos, no Brasil ou na Europa, os fascismos contemporâneos, suas práticas, discursos e engajamento se tornaram um ponto de preocupação para os historiadores do tempo presente. Afinal, como definir esse fenômeno? O uso do termo fascismo para descrever organizações atuais seria um anacronismo ou uma alegoria conceitual? Como se situar em meio a esse debate e, principalmente, de que maneira podemos compreender os fascismos de nossa época?

Essas são algumas das questões que os historiadores Francisco Carlos Teixeira da Silva e Karl Schurster visam responder em seu ambicioso livro sobre os fascismos no tempo presente intitulado *Passageiros da Tempestade: fascistas e negacionistas no tempo presente*, lançado em 2022 pela Cepe Editora em mídia física e digital. Os autores são dois dos maiores especialistas na temática e contemplam o leitor e a historiografia sobre a temática com um livro singular que já merece espaço na prateleira dos estudiosos do assunto e daqueles que desejam uma abordagem atualizada, crítica e compreensível sobre os fascismos do nosso tempo.

A obra conta com 11 capítulos, além da introdução e conclusão, e conta com 421 páginas e uma versão para Kindle. No primeiro capítulo, *Os que chegam com a tempestade*, Schurster e Silva enfatizam o mundo no qual os fascismos surgiram abordando os traumas e consequências da Grande Guerra (1914-1918) e os ideais racistas que permeavam à época. Os autores se dedicam a rememorar o desencadear de acontecimentos que contribuíram para a chegada dos fascismos ao poder na Itália e na Alemanha com uma abordagem que também apresenta um olhar sobre o período do imperialismo europeu. Para eles, a experiência com os povos coloniais também foi marcada por experimentos de genocídio com o de aborígenes na Tasmânia e na Austrália e de indígenas no Canadá. Limpezas étnicas foram empreendidas, porém, como se tratava de povos colonizados “não brancos”, tais massacres foram relativizados até o final do século XX e início do século XXI.² Algo diferente do que ocorreu no holocausto.

Adiante, no segundo capítulo, nomeado *Sobre nomes, conceitos e tempos*, os autores se dedicam a explicar ao leitor sua abordagem para compreender os fascismos e a razão pela qual ela adota a estratégia de partir do presente para o passado. Silva e Schurster reconhecem o desafio de usar a terminologia de fascismos e ressaltam que levam em consideração as características das manifestações desse tipo que permeiam o cenário político e cultura há um século. Os fascismos não são vistos como um acontecimento datado aos moldes de Ernst Nolte, e sim como algo que se manifesta a depender da época na qual emerge.

Para organizar o conteúdo, os autores apresentaram a seguinte definição: os fascismos históricos seriam aqueles que existiram entre 1922 e 1945 e os fascismos contemporâneos que aparecem em várias partes do mundo, tendo como ponto de partida suas possibilidades de chegada ao poder a partir do final dos anos 1980. A partir da abordagem comparada, os autores se propõem a construir um *Minimum Constitutum* dos fascismos. Com isso, seria possível ir além da visão historicista³, com uma concepção que leva a análise da experiência fascista para além da experiência e das excepcionalidades dos fascismos históricos.⁴ Os fascismos contemporâneos se relacionam com os fascismos históricos por meio de sua linguagem e mesmo invocação do passado⁵ e seriam algo único que deve ser compreendido e estudado a partir do

PASSAGEIROS DA TEMPESTADE: OS FASCISMOS E O TEMPO PRESENTE

DIEGO LEONARDO SANTANA SILVA

tempo presente e não de modelos historicistas que possuem por base o passado.⁶ Ao decorrer do capítulo, os autores discorrem sobre as características de experiências fascistas atuais, inclusive no Brasil.

Já o terceiro capítulo, de título, *Quando eles falam: o socioleto fascista*, analisa a linguagem fascista e como ela se molda a depender o ambiente no qual o fascismo se manifesta a partir da variação de quem seria o *outro conveniente*.⁷ Os autores demonstram de que maneira termos dos fascismos históricos e dos fascismos contemporâneos expressam essa relação de discordância com o outro. Enquanto o capítulo quatro *Sentimentos ocultos, ressentimentos* trabalha como questões econômicas e sociais do nosso tempo levam a um ressentimento explorado pelos fascismos contemporâneos. Isso somado à inutilidade da política e o advento do mundo digital, que em muitos casos funciona como um refúgio para alguns indivíduos, foi altamente explorado pelos fascismos contemporâneos quando a rede contou com projetos de reconstrução historiográfica que embasam o ideal de um mundo perdido.

Adiante, no capítulo 5 *O gozo estranhado: espaço torturado e culto da morte* é comentado a violência sobre o agir público das pessoas através do controle público dos espaços por meio das instituições policiais que estavam no interior do aparato repressivo da democracia liberal. Após anos fazendo o serviço pesado de repressão, os representantes dessas instituições resolveram assumir o poder com muitos candidatos eleitos ligados às polícias no Brasil em 2018.⁸

Em seguida, a obra conta com capítulos mais curtos. No capítulo 6, *Paranoia e anti-intelectualismo como estilo de agir político: fascistizando a política*, os autores apresentam uma análise do discurso anti-intelectual dos fascismos contemporâneos, enquanto o sétimo capítulo *Desolados, furiosos, fascistas: quem são eles?* Trata da relação entre a quantidade de fascistas e a viabilidade de projetos fascistas. Afinal, precisamos de uma totalidade fascista na sociedade para que esse ideário de consolide?

Já o capítulo 8, *Fascistas: a palavra engasgada*, traz uma reflexão sobre os fascistas atuais. Diferentemente de seus antecessores, existe uma experiência histórica que deveria servir como lição sobre essa prática e, mesmo assim, ela persiste. Além disso, a interpretação sobre quem seriam essas pessoas passou por modificações ao longo do tempo. Para atender essa demanda, os autores subsidiam o leitor com uma detalhada revisão bibliográfica conceitual sobre a temática.

O nono capítulo, *Identidades e crise: os fundamentos comuns dos fascismos e dos fundamentalismos*, leva a discussão para o campo do extremismo. É enfatizada a ênfase de buscar nos algozes e não nas vítimas as causas para atos hostis. Para os autores, “Assim, a ressurgência do fascismo e a generalização do extremismo fundamentalista como movimento de massas marca uma constante do mal-estar moderno”.⁹ No capítulo 10, *Regressão e individuação: gerando a intolerância*, é comentado o processo de estranhamento do indivíduo com o mundo moderno em uma ordem heterônima, individualista e competitiva.

Por fim, o capítulo 11, *O retorno (necessário) a um debate sobre os fascismos*, demonstra como os fascistas se apropriam de símbolos antigos e aborda uma organização temporal para abordar esse fenômeno. Para os autores, a atuação desses grupos consiste com “os fascismos, ao contrário de outras manifestações políticas do século XX — e agora do século XXI —, trabalham junto às grandes massas com a irracionalidade, a contradição, a mentira, o implausível e o medo.”¹⁰ Ao longo do capítulo, também é feita uma reflexão sobre o próprio campo da história do tempo presente e da iniciativa dos autores em uma abordagem que parte do presente para o passado.

PASSAGEIROS DA TEMPESTADE: OS FASCISMOS E O TEMPO PRESENTE

DIEGO LEONARDO SANTANA SILVA

Desse modo, Silva e Schurster entregam uma obra abrangente e cuidadosa sobre o tema. Eles apresentam os fascismos contemporâneos como algo a ser entendido a partir do nosso tempo. Todavia, não esquecem da experiência histórica e da trajetória dessa prática que permeia o cenário político há um século. Se quisermos desarmar a armadilha fascista dos dias atuais, devemos compreender como eles se manifestam em nossa época. Para isso, a produção intelectual deve ser abrangente e cuidadosa, com um olhar plural e comparativo com outras experiências com o intuito de subsidiar a discussão e o agir político contrário a isso.

Passageiros da Tempestade ocupa um espaço importante na historiografia sobre os fascismos e contempla os pesquisadores brasileiros com uma obra do mais alto nível sobre o tema.

Notas

¹ Doutorando em História Comparada pelo Programa de Pós-graduação em História Comparada da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGHC/UFRJ), com bolsa Capes. Licenciado em História e Mestre em Educação pela Universidade Federal de Sergipe. Integrante do Grupo de Estudos do Tempo Presente (GET/UFS/CNPq). E-mail: diego@getempo.org

² Silva, Francisco Carlos Teixeira da; Schurster, Karl. Passageiros da tempestade (p. 27). Cepe editora. Edição do Kindle.

³ Silva, Francisco Carlos Teixeira da; Schurster, Karl. Passageiros da tempestade (p. 147). Cepe editora. Edição do Kindle.

⁴ Silva, Francisco Carlos Teixeira da; Schurster, Karl. Passageiros da tempestade (p. 149). Cepe editora. Edição do Kindle.

⁵ Silva, Francisco Carlos Teixeira da; Schurster, Karl. Passageiros da tempestade (p. 156). Cepe editora. Edição do Kindle.

⁶ Silva, Francisco Carlos Teixeira da; Schurster, Karl. Passageiros da tempestade (p. 157). Cepe editora. Edição do Kindle.

⁷ Silva, Francisco Carlos Teixeira da; Schurster, Karl. Passageiros da tempestade (p. 177). Cepe editora. Edição do Kindle.

⁸ Silva, Francisco Carlos Teixeira da; Schurster, Karl. Passageiros da tempestade (p. 244). Cepe editora. Edição do Kindle.

⁹ Silva, Francisco Carlos Teixeira da; Schurster, Karl. Passageiros da tempestade (p. 332). Cepe editora. Edição do Kindle.

¹⁰ Silva, Francisco Carlos Teixeira da; Schurster, Karl. Passageiros da tempestade (pp. 353-354). Cepe editora. Edição do Kindle.

Referência bibliográfica

Silva, Francisco Carlos Teixeira da; Schurster, Karl. **Passageiros da tempestade**: fascistas e negacionistas no tempo presente. Cepe editora. Edição do Kindle, 2022.